



## A GRÉCIA DE HERÓDOTO: uma abertura foucaultiana

**Palavras-chave:** Pensamento geográfico; Geografia histórica; Arqueologia; Territorialidade.

**Autores:**

Jahan Natanael Domingos Lopes, IG/UNICAMP

Prof. Dr. Eduardo José Marandola Jr., FCA/UNICAMP

---

### INTRODUÇÃO

*Ele vai bem, o velho Heródoto. É lido (pelo menos supõe-se), editado, glosado e interpretado. Estará satisfeito com isso?*

*(Hartog, 1999, p. 15)*

De acordo com o pensamento pós-moderno, o predomínio da diferença sobre a identidade afere-se à complexidade do mundo globalizado, a saber, a face do outro é permanentemente exposta, em suma presença, sem emplastos de simulacros. Assim, a diacronia é a derrocada subsequente à sincronia, desse modo, esta visão “da História no espaço epistemológico é de grande importância para sua relação com as ciências humanas. [...] homens – que lhes são contemporâneos, não visam jamais senão a cortes sincrônicos no interior de uma historicidade que os constitui e os atravessa” (FOUCAULT, 2016, p. 513). Há, ao revés, um intento de tessiturarem-se as descontinuidades que transpassam os seres em uma desestruturação de suas conexões, tanto no espaço quanto no tempo. Por conseguinte, é falsa a ideia de que a unificação é o trabalho histórico, haja vista que reunir implica apartar a externalidade, ademais, convoca-se que: “O mundo da história não foi sempre pensado sob aspecto da unidade histórico-universal. Como mostra o caso de Heródoto, ele pode ser considerado também como um fenômeno moral. Como tal, ele oferece uma grande quantidade de exemplos, mas não uma unidade.” (GADAMER, 2015, p. 283). Perscrutam-se, pois, as relações que mecanizam a multiplicidade de orientações do conhecimento que é sempre atrelada à linguagem epistêmica na promulgação dos discursos mediante a colocação dos enunciados em pauta.

Os discursos são convocações materiais do transpasse do pensamento unificado, mas nunca resvalam em uma verdade – a não que essa seja entendida como um processo. Por mais, verifica-se que estudar uma obra é perpetrar em um nó de fios anteriores e posteriores em perpétua desconexão, sendo, este nó, a noção de um mundo em curso. Trata-se, assim, de convocar a dependência da obra às camadas epistêmicas, ao que: “Por mais que o livro se apresente como um objeto que se tem na mão; por mais que ele se reduza ao pequeno paralelepípedo que o encerra: sua unidade é variável e

relativa.” (FOUCAULT, 2022, p. 28). Nesse sentido, a gramática, a semântica, o léxico e o conteúdo material são preexistentes a toda a obra-do-mundo e, por consequência, o mundo-da-obra é sempre reflexo de condições epistemológicas da linguagem sedimentada previamente. Um livro é, tão logo, um intento que cristaliza uma fracionada capacidade de discurso reduzido ao feito e aberto às demais configurações plausíveis dentro da *episteme*.

A partir da arqueologia do saber, visando as rupturas das camadas históricas, aprofunda-se aqui uma discussão metalinguística, a partir da argumentação histórica da história promovida pela *História* de Heródoto (484-425 a.C.) de Halicarnasso (HERÓDOTO, 2019a; 2019b). Como epíteto, explicita-se: “Heródoto (chamado ‘pai da história dos gregos’, que, aliás, escreveu com linguagem vulgar).” (VICO, 1979, p. 107). Para um sentido maior, averigua-se um autor que encarna e irradia o pensamento de seus horizontes do espaço-tempo sociais em inautêntico sentido próprio de autoridade. Ressalta-se, entre suas técnicas, que: “o *geógrafo* Heródoto de Halicarnasso [...] julgava que não era possível bem compreender os acontecimentos históricos sem conhecer suficientemente suas bases geográficas e etnográficas.” (AZEVEDO, 1965, p. 103, destaques no original). Em verdade processada, o autor é a face da própria territorialidade arqueológica exercida pelo pensamento grego delimitado por seu período de confronto direto de seu povo com os persas. Assim, a pedra de toque está na discussão do outro como questão epistêmica de toda a comunidade grega e, portanto, antes do próprio começo, a sua obra já começava.

## HERÓDOTO NÃO EXISTE

*Que escândalo confrontar a geografia não à ciência e aos seus critérios, mas às estratégias e ideologias! Também escândalo para os historiadores que geógrafos se apoderem do “pai da história” [...] Heródoto é também o primeiro verdadeiro geógrafo.*

(Lacoste, 2012, p. 17)

A discussão acerca da Grécia é estratificada em discursos de diversos momentos em disposição, a saber, secciona-se, entre eles, dois principais horizontes: uma fase egoica e uma fase de alteridade. Esse sentido está atrelado às seguintes orientações: 1) a camada mítica, evidenciada pelas obras sobre deuses por Hesíodo (1995) e sobre os heróis por Homero (2014; 1999) e, mais recente, 2) a camada realista, por meio das obras historiográficas tanto das guerras greco-persas (ou Médicas) de Heródoto (2019a; 2019b), quanto da guerra do Peloponeso de Tucídides (2001). A partir da visão de mundo grega sobre si mesma, por meio de sua originalidade cosmológica, a complexidade é exigida mediante a movimentação de entrelaçamento dos diversos povos, reformulando toda a concepção grega de mundo, sobretudo a sua inserção adentro das sincronicidades diferenciais das nações. O eu e o outro são afastados na primeira camada e aproximados na segunda camada. Ambas são dois perpasses indistinguíveis entre a historicidade dos gregos e a prática escrita na materialidade dos autores destes distintos horizontes.

Há mais. Acura-se a conceituação de camada, enquanto elemento incluso na estratificação chamada História, em face da arqueologia do saber, isto é: “em toda sociedade a produção do discurso

é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e distribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade.” (FOUCAULT, 2014, p. 8-9). Tudo já está preparado para uma obra existir, preparado e já em via de despreparo para sua continuidade, devido aos intentos ininterruptos da diferenciação. Com isso, assenta-se: “Se Heródoto surge como um dos fundadores da geografia, é porque descreve o mundo de seu tempo de maneira *diferente*: o seu relato não é de um viajante que enumera etapas de um itinerário” (CLAVAL, 2015, p. 25, destaques acrescentados). Há, então, a configuração de um autor o qual está imerso em um movimento da própria humanidade em suas descobertas do outro mediante a referência de si mesma.

A obra herodoteana, pela arqueologia, é resoluta do incurso ao pensamento grego a partir da camada onde está situada o autor. Desse modo, discuti-la é, somente, abarcar uma possibilidade praticada entre a infinidade possível de ser pensada adentro das delimitações de seus dizeres. A *História* é, tão logo, uma obra que pode ser descrita do seguinte modo: “Heródoto escreveu sua obra entre 445 a 425 a.C., tendo como tema as guerras persas, e criou um novo gênero narrativo baseado na pesquisa (*historíai*), na descrição geográfica e na comparação da cultura helênica com a dos chamados bárbaros.” (FLORES, 2010, p. 10). De fato, tratam-se de nove livros, cada um inspirado em uma musa que intitula cada tomo. A congruência com a camada anterior permite ver o desabrochar da nova. Menciona-se, portanto, as divisões da arte científica escritas pelo halicarnassiano:

- I – Clio, a musa da História.
- II – Euterpe, da Poesia Lírica.
- III – Tália, da Comédia.
- IV – Melpômene, da Tragédia.
- V – Terpsicore, da Dança.
- VI – Érato, do Amor.
- VII – Polímia, da Religião.
- VIII – Urânia, da Astronomia.
- IX – Calíope, da Poesia Épica.

A geografia nunca foi tão importante aos gregos quanto nesta nova camada, exercendo um papel crucial à correlação dos povos no perpasso do mundo. Diz-se isso a partir de que: “Heródoto apresenta conjuntos territoriais que define pelos seus limites, tal como aparecem num mapa, e pelos seus traços comuns, a visão sintética, que implica que se saiba mudar de escala, encontra-se já presente.” (CLAVAL, 2015, p. 25). Desse sentido, há uma vasta abertura das relações do mundo dito, mediante a própria possibilidade de *modo* da camada arqueológica onde está Heródoto, passível de condizer, por mais, que: “O ‘Pai da História’ positivamente não acreditava na *redondeza* da Terra” (AZEVEDO, 1965, p. 105, destaques no original). Essa visão, evidente em sua episteme, congrega-se para a própria discussão variável da verdade em prol de sua poética: “O pai não é necessariamente o mentiroso, mas é porque ele é o pai que surge igualmente como mentiroso. Olhando-os assim, Heródoto e a sequência de suas interpretações formam um espelho que aumenta as coisas” (HARTOG, 2014, p. 402). Toda a abertura concebida pelo autor é já consumada em distintas cosmologias que admitiam tais explicações, as

contradições de sua obra são, tão já, contradições entre as epistemes no conluio das historicidades enredadas por seu discurso.

Concebe-se que o autor é relevante enquanto nó dos acontecimentos, porém, sua existência é não somente irrelevante quanto irreverente à verdade do contexto arqueológico. A ignorância da obra é a ignorância da própria episteme, a exemplo: “Heródoto confessou que jamais pôde saber ao certo qual o total de *habitantes* da Cítia. Apenas soube informar que os verdadeiros Citas, os que vagabundeavam pelas estepes, eram um número bastante reduzido.” (AZEVEDO, 1965, p. 113, destaques no original). Dessarte, ao revés da apreensibilidade, são as concepções de sua camada que a tornam clausuras de epistemologias aos ditames ontológicos; outro exemplo é a ciência mágica: “a prática da magia é atribuída a povos inteiros, como as tribos líbias de que Heródoto fala ou os ofiogenes em torno de Parium, no Chipre, que curavam picadas de cobra.” (HUBERT, 2021, p. 132). Confiar ou desconfiar não eram escolhas do autor, mas condições de sua situação espaço-tempo que firmavam a verdade em pré-condições assentadas.

Há, como sempre, mais. O caminho mais fortuito de se averiguar o sentido do saber herodoteano é a concepção promulgada por seu tempo de que há diversos povos em conjuntos muito variados de culturas e que, interligadas entre si, são umas relacionadas às outras. Ou melhor, a Grécia é uma constituição que não é exclusivamente grega: “Teria vindo também dos Líbios para os Gregos o hábito de atrelar quatro cavalos a seus carros.” (HERÓDOTO, 2019a, p. 380) ou “Disseram-me [os Egípcios] também que os Egípcios haviam sido os primeiros a dar nome aos 12 deuses e que os Gregos tinham adotado tais nomes.” (HERÓDOTO, 2019a, p. 137) ou “foram também os Egípcios os primeiros entre todos os povos a instituírem festas ou reuniões públicas, procissões e oferendas, costumes esses adotados pelos Gregos.” (HERÓDOTO, 2019a, p. 161). Também, as diferenças são conforme as interações pelo rebuliço das guerras greco-persas: “Os Citas reprovavam aos Gregos a celebração de bacanais, e julgavam contrária à razão a ideia de um deus que leva os homens a tais extravagâncias.” (HERÓDOTO, 2019a, p. 337) ou “[...] os Cários, habitantes da Índia, acostumados a comer os cadáveres dos pais, e perguntar-lhes, na presença dos Gregos, quanto queriam para queimar os pais depois de mortos. Os Indianos, horrorizados com a proposta, pediram-lhe para não insistir numa linguagem tão odiosa.” (HERÓDOTO, 2019a, p. 244). Essas relações são características do curso historiográfico do Mediterrâneo, tanto a identidade quanto a diferença são discussões ordenadas pelo pensamento da grande camada do incurso de alteridade grega.

Desse modo, afronta-se Heródoto enquanto manifestação das tramas do pensamento de seu mundo e horizontam-se as relações culturais e suas contradições em um nó: que é sua obra. Nada do próprio autor existe de originalidade imaterial, seu espaço-tempo e a si mesmo confundem-se, haja vista a episteme ser a completa capacidade de dizer o que disse. Todos seus erros e seus acertos são precisamente os erros e os acertos conjugados na restrição das regras (formais e informacionais) de sua linguagem, estritamente, grega. Dizer que Heródoto existe é forçar uma originalidade que, arqueologicamente, é impossível ao intento do saber.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme a abordagem da arqueologia do saber, tem-se a profusão dos horizontes epistêmicos pelas camadas discursivas como noção de unidade de pensamento em compenetração de enunciados. A concepção de conceber as formações discursivas admite saber, a partir das descontinuidades através das diferenças, as variações do pensamento no espaço-tempo. Assim, aventurando-se às camadas da Antiguidade grega, têm-se tanto a camada egoica entre Hesíodo e Homero quanto a subsequente camada de alteridade, pelas guerras (Médicas e do Peloponeso), entre Heródoto e Tucídides. Nesse sentido, prospecta-se a diferença contextual da historicidade grega em dois horizontes conteudados em suma distinção, discutindo-se a si mesmos para, então, discutir o que de si é resoluto das relações de identidades e de diferenças. Desse modo, o halicarnassiano promove uma possibilidade materializada dentre as condições de gramática, semântica e léxico permissivas de seu discurso, sendo suas asserções e contradições rentes à desenvoltura de sua episteme. Heródoto não existe, toda sua obra é incondicionada à sua existência, mas é possibilidade assentada entre possibilidades outras. A arqueologia do saber, portanto, advoga contra a consciência e a favor das condições histórico-geográficas para a leitura diferencial do mundo.

## REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Aroldo. **O Mundo Antigo**: expansão geográfica e evolução da geografia. São Paulo: Buriti, 1965.
- CLAVAL, Paul. **História da geografia**. Lisboa: Edições 70, 2015.
- FLORES, Moacyr. Heródoto e a construção da História. **Historiæ**, Rio Grande, v., n. 3, p. 9-16, 2010.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Forense, 2022.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2014.
- FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das Ciências Humanas. São Paulo: Martins Fontes, 2016.
- GADAMER, Hans. **Verdade e método I**: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Petrópolis: Vozes, 2015.
- HOMERO. **Odisseia**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.
- HOMERO. **A Ilíada**. 3ª ed. Portugal: LB Europa-américa, 1999.
- HERÓDOTO. **História**: volume 1. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019a.
- HERÓDOTO. **História**: volume 2. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019b.
- HESÍODO. **Teogonia**: a origem dos deuses. 5ª ed. São Paulo: Iluminuras, 1995.
- HUBERT, Henri. **A magia no mundo greco-romano**. Ed. bilíngue. São Paulo: Ed. USP, 2021.
- LACOSTE, Yves. **A geografia – isso serve, em primeiro lugar, para fazer guerra**. Campinas: Papirus, 2016.
- TUCÍDIDES. **História da guerra do Peloponeso**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2001.
- VICO, Giambattista. **Princípios de (uma) Ciência Nova**: acerca da natureza comum das nações. 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979.